NOVELLAE OLIVARUM

ANO XIV NÚMERO 137 DEZEMBRO 1956

BODAS DE PRATA 199

ADVENTO — P. J. Ferreira 209

A NECESSIDADE DA ACÇÃO CATÓLICA — Miguel António Ponces de Carvalho 214

LIVROS NOVOS 221

CRÓNICA — Noronha Galvão 224

Casa Peyroteo

Artigos de 1.ª qualidade

para

Todos os Desportos

SOCIDEL—Soc. Com. de Artigos de Desporto L.da

Rua Nova do Almada, 51

LISBOA

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionais

Fábricas Aleluia

Aveiro

Azulejos * Louças * Paineis em todos os géneros

NOVELLAE OLIVARUM

Director: *Alberto Neto Simões Dias* Redactores: *José Poças Ribeiro e Cláudio Renato Marques Teixeira* Administradores: *Albino Mamede Cleto e Avelino Barata Pinto*
Proprietário e Editor: *Ireneu Marques Clemente*

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia Ld.ª — Gouveia — Telef. 109

BAYER TECIDOS

Riopleх

100% uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PROPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**REOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**REOPLEX**» SÃO **RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

A L T A
qualidade
a baixos
P R E Ç O S

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 27 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

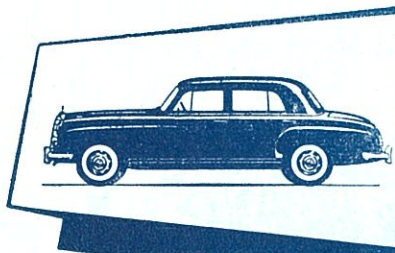
FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

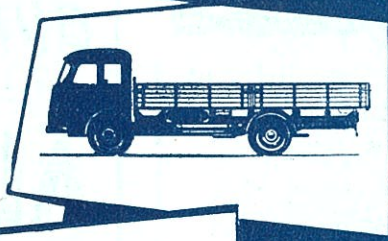
Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

MERCEDES-BENZ

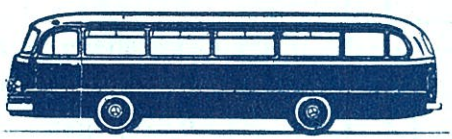
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 e 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

Lanifícios Pretos

GABARDINES feitas em preto azul e cinzento

CAPAS de agasalho sem emendas



Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço

Condições especiais para FINALISTAS

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Antiga Fábrica de Velas

de **Alfredo Cadete Pereira**

Alcanena — Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

Preços especiais para os Rev.dos Párocos e Irmandades

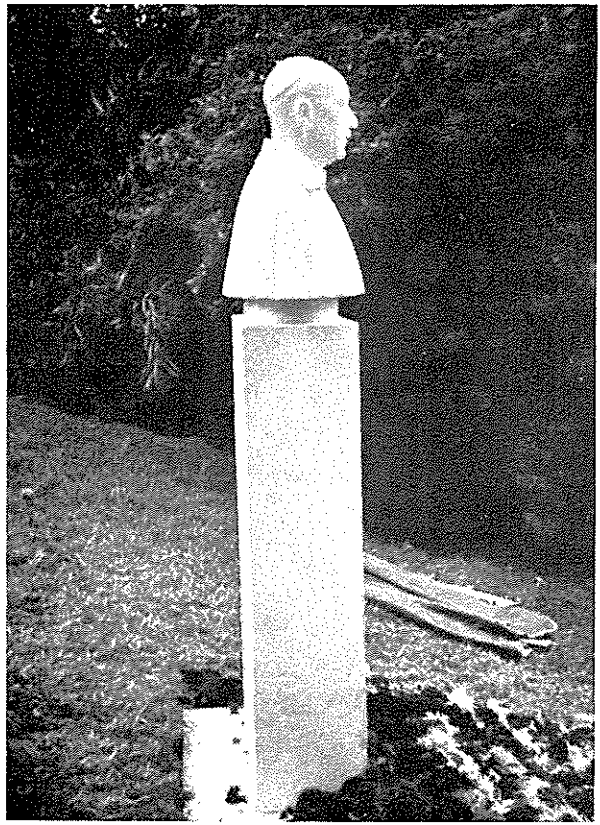
OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-211—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa



A SUA EMINÊNCIA D. MANUEL II, CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA, PAI E AMIGO DO SEU CLERO, HOMENAGEM FILIAL DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, NO XXV ANO DA SUA FUNDAÇÃO.

24-X-1956

Roma, 16 de Outubro de 1956

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor:

É para mim motivo de grande alegria saber que se estão preparando solenes comemorações, por ocasião dos 25 anos da fundação do Seminário Patriarcal de Cristo-Rei. A S. Congregação dos Seminários deseja estar presente, para exprimir a Vossa Eminência o seu aplauso e as suas felicitações.

Bem sabemos que o Seminário teve sempre em Vossa Eminência a solicitude e o afecto dum coração de Pastor e Pai, desde os alvores da elevação à Sé Patriarcal de Lisboa, o que fez surgir, nos Olivais e em pouco tempo, o imponente edifício do novo Seminário, que agora vai celebrar os 25 anos de florescente actividade: o desejo que Sua Santidade Pio XI manifestara a Vossa Eminência tinha, assim, condigna realização.

Seria demasiado longo recordar as benemerências do Seminário, adquiridas neste período de tempo, relativamente breve. O número considerável de sacerdotes, formados na piedade e no estudo das disciplinas Sagradas, constitui uma glória que Vossa Eminência e os outros Excelentíssimos Prelados de Portugal chamam com razão «gaudium et corona mea».

Seja-nos permitido recordar, Eminentíssimo Senhor, que o muito que se fez e está fazendo, foi porque Vossa Eminência, há vinte e cinco anos, seguro do auxílio divino e recolhendo reverente o mandato Apstólico, empreendeu uma obra que a muitos poderia parecer temerária.

Não podemos passar em silêncio a generosa colaboração dos Superiores, que Vossa Eminência prudente e sapientemente se foi preparando neste período. Também para estes fiéis admiráveis intérpretes das directivas de Vossa Eminência vai o nosso aplauso em tão fausta ocorrência.

Suba, pois, ao Senhor, autor de todo o bem, o nosso fervoroso agradecimento; ao Senhor, que, com tanta generosidade, defundiu as Suas graças e dispensou a Sua protecção a este cenáculo de formação sacerdotal.

Estamos certos que a Divina Providência continuará a ser generosa nos Seus favores, recompensando o amor e os cuidados com que Vossa Eminência, o Clero e os fiéis desta Arquidiocese circundam o seu dilecto Seminário de Cristo-Rei. Entre estes favores não faltará, certamente, o dom precioso de boas vocações sacerdotais, como justo e merecido prémio a quantos se consagram a esta santa causa.

Rev.me Domine,

Augustus Pontifex non sine magno animi gaudio didicit Seminarium Patriarchale, a Christo Rege appellatum, quod moderaris, mox esse annum XXV expleturum a quo Em.mi Emmanuelis S. R. E. Cardinalis Gonçalves Cerejeira, Lisbonensis Patraiarchae, sollerti opera fuit constitutum.

Non te latet quam vigilem curam Summus Pontifex iis adhibeat domibus, in quibus iuventus ad sacra instituitur, et quam paterno amore filios ibi degentes complectatur. Libenter ergo memoriam repetit temporis praeteriti, quo in sacro isto Seminario clerici non pauci ad Ecclesiae munera sunt comparati, futurosque intuetur annos, quibus fore confidit, ut fructus vel ampliores percipiantur.

Laetitiam igitur participans sollemnium, ob XXV natalem sacri istius Ephebei agendorum, Augustus Pontifex paterno gratulatur animo et, exantlatos iam labores agnoscens, ad persequendum, summa cum virium contentione, salutare opus humane provocat, ita ut plurimi inde prodeant sacerdotes, iis instructi dotibus, pietate praesertim, animarum studio, doctrina, quas nostra postulat aetas.

Cuiusmodi votorum auspex sit Apostolica Benedictio, quam lectissimis Viris, qui sollemnia ea participabunt, ac tibi, professoribus, alumnis, benefactoribus, peramanter in Domino impertit.

Interea qua par est observantia me profiteor

addictissimum

tibi

Rev.mo Domino
Rectori Patriarchalis
Seminarii a Christo Rege
Olivais

A. Dell'Acqua
Subst.

BODAS DE PRATA

Novellae Olivarum dedica, com carinho, este número de Dezembro ao relato das cerimónias do encerramento do 25.º aniversário do Seminário.

Telegrama enviado a Monsenhor Dell'Acqua, agradecendo a veneranda carta e a Bênção Apostólica de Sua Santidde.

Ex.mo Rev.mo Monsenhor Dell'Acqua Secretário de Estado

VATICANO

Reitor Seminário Olivais em seu nome professores e alunos agradece comovidamente saudações bênção gratíssima Sua Santidade a cuja Augusta Pessoa renovam mais filial devoção rogando ao Senhor preciosa saúde Pontífice e saudam igualmente Vossa Excelência.

CÓNEGO AMARO TEIXEIRA

Para a Sagrada Congregação dos Seminários:

Ex.mo Rev.mo Monsenhor Secretário Sagrada Congregação Seminários

VATICANO

Reitor professores alunos Seminário Patriarcal Olivais ocasião 25.º aniversário saudam respeitosamente em Vossa Excelência Sagrada Congregação, reiterando homenagem inteira devoção Cátedra São Pedro.

CÓNEGO AMARO TEIXEIRA

A Monsenhor Pereira dos Reis, que, por falta de saúde, não pôde estar presente, foi enviado este telegrama:

Monsenhor Pereira dos Reis
Mosteiro Singeverga

NEGRELOS

Festa jubilar Seminário enquanto nas acções de graças Divina Providência acrescentamos uma particular pelo nosso querido Reitor, confessamos mais profundo agradecimento pelos ensinamentos e exemplos do Mestre e sacerdote e, quanto podemos, nos juntamos em volta de Vossa Ex.ª sicut novellae olivarum.

VICE-REITOR, PADRES, SEMINARISTAS

*

* *

Ao almoço, Monsenhor C.º Francisco Maria Félix, em nome de todo o Clero presente, saudou Sua Eminência, dizendo:

«Completam-se hoje os primeiros 25 anos contados após o dia memorável em que o majestoso palácio da Quinta do Cabeço abriu as suas salas aristocráticas, e as árvores frondosas do seu parque encantador, sacudidas pela suave viração do outono, inclinaram os ramos, em saudação amiga aos novos moradores.

Quem eram os que chegavam? Duas a três dezenas de jovens levitas do santuário, que vinha continuar, em instituto novo, a sua formação eclesiástica, e se sentiram conquistados, desde o primeiro momento, pelo acolhimento paternal de corações generosos, fidalgos e bons.

É justo que, nesta data festiva, o clero se reúna para agradecer a mercê, grande entre as maiores, de dar-nos, na pessoa de Vossa Em.ª um Prelado capaz de meter ombros e levar ao fim a importantíssima obra da fundação e restauração de Seminários.

Eu, que, nessa hora distante, já contava 35 anos de professor do antigo Seminário Patriarcal e 10 de reitor dele, exultei de contentamento, vendo rasgados novos horizontes na empresa, dia a dia mais difícil, de preparar sacerdotes à altura das exigências da moderna sociedade.

Deficientemente instruído, embora por incapacidade minha, e gasto pelo trabalho e pelos sobressaltos de um período agitado e revolto, eu compreendia, não obstante, que tinham surgido necessidades novas. Coloquei a satisfação delas acima do natural amor que tinha à casa que me obrigara desde criança, por isso, se, ao ver partir de lá os alunos mais adiantados, os meus olhos, alongando-se pelas veredas que os conduziram a esta mansão de luz, se marejaram de lágrimas, estas não denunciam tristeza mas saudade, muita saudade do curso teológico, com cujo afastamento ia baixar de categoria o Seminário que me fez padre, e seria reduzido em muito o esplendor das festas e a solenidade das grandes cerimónias tradicionais naquele velho instituto de ensino.

Senti saudade, mas enchi-me de esperança. Esses jovens, confiados desde então, a um escol de educadores e mestres, e estimulados pelo saber, pela virtude, pela fé inquebrantável, pelo exemplo permanente e pelo calor comunicativo da palavra de V. Em.ª ganhariam muito em extensão e profundidade de cultura e tornar-se-iam, no grandioso plano de tão ínclito Prelado, instrumentos aptos para a obra ingente mas bendita, da recristianização da vasta Diocese Lisbonense.

Ter-me-ia enganado? Os factos mostram que não.

Passado um quarto de século, período largo na vida de um homem mas curto na história de um bispado, os meus estimados seminaristas de outrora e os que vieram depois, não todos infelizmente, mas muitíssimos, têm contribuído para a realização das altas e nobres aspirações de V. Em.ª nos diversos sectores do apostolado; mereceram até alguns ocupar os lugares dos seus antigos mestres, para continuarem a grande tarefa por eles, em boa hora, começada.

Honra aos que dedicadamente ensinaram! Louvor aos que dòcilmente aprenderam! Glória a V. Em.ª que a todos norteou como Pai, farol e guia!

Quando, há 25 anos, vim assistir à abertura solene deste Seminário, e me incor-

porei na procissão eucarística pelos arruamentos do jardim, senti-me transportado a um mundo novo. Os cânticos pareceram-me mais harmoniosos, as flores mais aromáticas, o incenso mais odorífero, a brisa mais perfumada, a bênção do Bom Jesus mais reconfortante: julguei-me na antecâmara do Paraíso.

Ao despedir-me, quis falar, mas, sentindo-me pequeno no meio de ambiente tão elevado, comecei por aquelas palavras de Jeremias «*a, a, a, nescio loqui*». Repito-as agora, mas: no 1.º *a* exprimo o meu aplauso à arrojada iniciativa de V. Em.ª; no 2.º *a*, mostro a minha admiração pelo muito que está realizado; no 3.º *a*, traduz-o o meu agradecimento e o de todo o clero, que eu, o mais antigo dos servidores dos Seminários e um dos mais idosos, fui convidado a representar neste lugar.

Esse aplauso, essa admiração, esse agradecimento, sintetizo-os num voto simples mas muito ardente: — Que o Senhor, tão nosso amigo, encha de novas graças a pessoa e o governo do nosso querido Prelado, e dê ao Patriarcado a consoladora ventura de ver V. Em.ª presidir, em 1981, com óptima saúde e renovado vigor, à celebração das Bodas de Oiro do Grande Seminário de Cristo-Rei».

PALAVRAS DE SUA EMINÊNCIA AO ALMOÇO

«Se o Seminário dos Olivais é uma honra, é-o para a Igreja e para Portugal».

— disse o Senhor Cardeal Patriarca

Falou, a seguir, o Senhor Cardeal Patriarca.

Visìvelmente comovido, começou por aludir ao brinde de Monsenhor Francisco Maria Félix, em que se citara o seu nome. Este não tinha que ser ali citado. O dia era só de acção de graças ao Senhor. Perante Deus, não passamos de uma pena frágil e inútil. Só o que fica gravado no Coração Santíssimo de Jesus, permanece para sempre.

Muito se tem celebrado, no seu aspecto material, o Seminário dos Olivais. Se este é uma honra, é-o para a Igreja e para Portugal. O que importa, porém, é que a obra seja espiritualmente obra bela.

E acentuou, com sentida eloquência:

— Este Seminário falaria contra nós no Dia do Juízo, se nós, com ele, não fôssemos melhores sacerdotes. Ele não existe senão para isto: para dar à Santa Igreja um clero santo, digno da sua missão e da sua honra. Não fora assim, e melhor seria queimá-lo. Levantaram-se muitas orações e sacrifícios, muitas lágrimas e sangue. Enterraram-se nos seus alicerces as economias totais até de modestas criadas de servir, ao lado de quantiosos donativos generosamente entregues em silêncio. Está aqui o coração cristão da Diocese inteira — esse coração sempre presente e sempre atento aos apelos misteriosos do Céu. Quero ter uma certeza: a de que tem valido a pena sofrer, para que haja no Patriarcado sacerdotes que sejam, em verdade, uma presença nova, ardendo heròicamente no fogo do Espírito Santo e mais nada desejando senão incendiar o mundo. Eu creio — acrescentou Sua Eminência — poder dar graças a Deus por tantos padres admiráveis cuja vida se resume em amor sacrificado ao nosso Divino

Rei que preside a este Seminário. Disse Monsenhor Reitor do Seminário de Santarém que os tempos de hoje são diferentes dos de outrora. Sim, tudo hoje é diferente. Até para o sacerdote que, ou é santo, ou melhor fora não se ter ordenado.

E ainda:

— Que hoje se não cante senão com o coração da Santíssima Virgem: *Magnificat! Magnificat! Magnificat!*

Sua Eminência concluiu por prestar homenagem ao venerando Reitor do Seminário de Santarém que há tantos anos trabalha ao serviço da Santa Igreja e, nele, aos sacerdotes mais velhos que salvaram a Igreja Lisbonense no tempo em que a assaltaram tempestade e violentas. Não sabia se estaria presente alguém que pudesse mostrar cicatrizes. Mas, se havia, seriam cicatrizes gloriosas.

Agradeceu aos senhores Arcebispo-Bispo de Aveiro, Arcebispo de Cízico e Bispo de Beja. Não eram estranhos à casa. Estavam ali como em casa própria. Mas o Seminário não quer perder a lição que deles recebe.

O Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal é uma relíquia cheia de juventude: traz nos olhos uma luz que lhe vem da alma.

O Sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva foi professor no Seminário e viveu nele durante anos. A sua melhor lição não foi, porventura, a sua palavra, mas a sua alegria virginal, tão edificante e comunicativa.

O Sr. D. José do Patrocínio Dias renovou em Beja o milagre de Moisés. Como no episódio bíblico fez brotar torrentes de água, do rochedo agreste.

Referindo-se aos Srs. D. Manuel dos Santos Rocha e D. António de Campos, seus Prelados Auxiliares, disse que falar deles era como que falar de si próprio. Limitava-se, portanto, a pôr em relevo a sua dedicação e espírito de generosidade: um absorvido ininterruptamente nas tarefas da Cúria, o outro em jornadas constantes através do Patriarcado.

Saudando o Senhor Núncio Apostólico, disse Sua Eminência que bastava ser o Representante do Santo Padre para ser religiosamente venerado. Mas muitos outros motivos há para se lhe renderem as mais sinceras homenagens. E de entre as virtudes que exornam o espírito e esmaltam a vida de S. Ex.ª salientou o seu entranhado e entusiástico amor ao carácter sacerdotal.

Depois de aludir aos Institutos Religiosos, também representados nas comemorações jubilares que se realizavam, afirmando a necessidade de uma unidade perfeita entre o clero diocesano e regular, e frisando a preciosa colaboração que tais Institutos têm dado ao Seminário dos Olivais, o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, perante toda a assistência que se pôs de pé, num gesto unânime de filial carinho prestou homenagem à Pessoa Augusta de Sua Santidade Pio XII e fez votos pela Sua saúde e pelo futuro do seu apostolado: *Dominus conservet eum et vivificet eum et beatum faciat eum in terra...*

Calorosa salva de palmas sublinhou as palavras de Sua Eminência.

FALA O SENHOR NÚNCIO APOSTÓLICO

Falou, por fim, o Senhor D. Fernando Cento, Venerando Núncio Apostólico.

Num luminoso improviso em português, disse, voltando-se para o Senhor Cardeal Patriarca:

— Estamos todos sob a impressão viva das Vossas palavras, brotadas do fundo de um grande coração sacerdotal. Eu vo-las agradeço, em meu nome e em nome de todos os convidados.

As vossas palavras tiveram a virtude de transformar este refeitório num cenáculo. Sou o Embaixador do Santo Padre diante de Vós. Serei o Vosso Embaixador diante do Santo Padre.

Dir-lhe-ei que este Seminário de Cristo-Rei representa a página mais gloriosa do Vosso episcopado, para a Igreja e para o Papa. Ergueu-o o Vosso Amor. Levantou-o a Vossa paixão. E a paixão é algo mais do que o amor.

O VICE-REITOR ABRE A SESSÃO:

Está em festa a Diocese, melhor dito, grande parte do País, porque está em festa o Seminário dos Olivais. E a presença de V. Eminência, de V.as Ex.as e de tantos Sacerdotes dá a este dia relevo e brilho verdadeiramente excepcionais.

Nasceu o Seminário, há 25 anos, da alma apostólica e magnânima do então jovem Cardeal Patriarca de Lisboa. A palavra, ia dizer inspirada, do Papa de Fé intrépida, Pio XI, foi a confirmação do Céu para Quem entrava numa Diocese, cheia de glórias, sem dúvida, mas ameaçada de tremendas ruinas, onde o problema de MAIS CLERO tinha de ser estudado e resolvido sem delongas e de olhos postos no Céu.

A semente foi lançada. A Árvore nasceu e frutificou... E tudo isto com a bênção carinhosa de dois Papas, grandes entre os maiores. Pio XI, vive já na glória eterna. Pio XII, tão gloriosamente reinante, tem em nossos corações lugar do melhor dos Pais. E para o Augusto Pontífice do Clero, vai, nesta hora de júbilo sacerdotal, a nossa mais filial devoção, pedindo ao Senhor de todos os dons se digne aviventá-lo para incremento da Santa Igreja e para salvação do mundo.

A glória deste dia pertence ao nosso Venerando e tão querido Patriarca. É certo que a obra destes 25 anos não passa de imperfeita realização do grandioso sonho, que Sua Eminência sonhou um dia.

Obra de amor, obra de lágrimas, obra de sangue, ela é feita de pedaços do seu coração, inteiramente consagrado aos interesses de Deus.

De todas as suas obras, a primeira no amor, a primeira nas preocupações, a primeira nos desgostos, queremos, Senhor Patriarca, que ela seja também a primeira no rendimento, nas alegrias e nas glórias.

O título de V. Em.a na história será o de «Cardeal do Clero».

O Senhor Núncio Apostólico, diplomata de rara distinção e Bispo de alma eminentemente sacerdotal, de há muito que roubou os nossos corações e conquistou a nossa estima e entrou para sempre na intimidade das nossas almas.

É bem o representante do Doce Cristo na terra.

A V. Ex.a, Senhor Subsecretário da Educação, um dos mais ilustres membros do Governo da Nação, cuja doação ao serviço da Causa Pública só é suplantada pelo fervor em servir a Igreja de que se orgulha de ser filho, agradeço vivamente o ter-se dignado vir dar honra e brilho a esta festa.

Está V. Ex.a numa Casa que não só forma Sacerdotes. Se nestes 25 anos dela saíram quase trezentos Sacerdotes, dela partiram também, outros tantos leigos, que

sairam aptos a lutar e vencer pela Nação. Sairam valorizados e só esta casa os valorizou. Ainda por este título, o Seminário bem tem merecido do Governo e da Nação.

A V. Ex.as, em especial ao Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro e ao Senhor Bispo de Beja, os nossos cumprimentos mais respeitosos, com vivos agradecimentos.

A Mons. Reitor, a quem fui convidar no passado dia 16 e que nos deu a alegria de aceder ao desejo de todos e que, dias depois, envia um telegrama a dizer que, por falta de saúde, não podia comparecer, saúdo vivamente.

Para Sua Ex.a, que deu alma, cunho e feição especial a este Seminário e a quem o Patriarcado (ia dizer o País inteiro) tanto deve, vai a certeza da nossa indefectível estima, amizade e gratidão.

Para todos os que o Senhor da vida já tem junto de Si, o silêncio religioso da nossa alma sacerdotal. Nomeadamente quero lembrar os dois ilustres e santos Vice-Reitores. A todos os presentes saúdo na pessoa veneranda de Mons. Cónego Félix, verdadeira relíquia sacerdotal (1).

E nós outros, queridos Padres, a quem a consciência sacerdotal, se está viva, apresenta uma tão grande dívida para com esta casa, não podemos ter senão uma atitude: *empenhar-nos, quanto possível nos for, em saldá-la, recrutando vocações sacerdotais.*

25 anos de actividade, 278 sacerdotes. Continuar neste ritmo, é caminhar para a morte da fé, e do amor e da virtude, da vida divina nas almas deste glorioso Patriarcado. E Cristo veio ao mundo para que todos vivam de Deus e para Deus. E nós somos os responsáveis pela vida divina nestas almas.

O nosso Bispo é pobre. De Si, não tem ouro nem prata. No entanto, quando à sua voz se faz ouvir, quando a sua mão se estende para nós, não é a pedir dinheiro. O que Ele pede é que lhe demos vocações, para que o reino de Deus cresça, de dia para dia.

Que a nossa *oferta* a dar ao Seminário, do qual recebemos tudo o que somos, seja trabalhar, até ao último alento de vida, no recrutamento das vocações sacerdotais.

É isto que nos pede e de nós espera o Seminário de Cristo-Rei.

OS DOIS PRIMEIROS VICE-REITORES

De saudade, de gratidão e de justiça, quero que sejam estas breves notas dos dois ilustres e santos Vice-Reitores deste Seminário, que Deus já tem na Sua glória. A todos os que as lerem, nomeadamente aos que foram seus discípulos, peço a caridade duma breve oração.

P.e Victor Cadilhac

Com cerca de 50 anos, entrava em Portugal, pela primeira vez, no dia 26 de Setembro de 1931. Vinha como Vice-Reitor do Seminário de Cristo-Rei dos Olivais,

---

(1) Para a imprensa e para a Rádio sempre tão dedicados e solícitos os meus vivos agradecimentos.

que brevemente iria abrir. Com ele vieram o P.e Pascal Piriou, o P.e Constant Illion e o Rev.º P.e Francisco Vakers. Era, ao tempo, Superior Geral da Congregação dos Sagrados Corações (Picpus) o mui Reverendo P.e Flavient Prat. O P.e Victor era francês, embora fizesse a maior parte da sua formação em Espanha, onde tirou, com elevadas classificações, a formatura em matemáticas. Conserva-se no museu bibliográfico do nosso Seminário, uma colecção de trabalhos dos seus estudos superiores. É uma recordação familiar.

Grande parte da sua vida foi passada em Espanha, sobretudo em Fuenterrabia, onde trabalhou largos anos, no colégio da Congregação. Era pessoa de cultura sólida.

Personalidade — O sr. P.e Victor, como nós tantas vezes dissémos, era dotado duma personalidade forte. Era homem de grande energia e de perseverança inabalável. Boa saúde, baixo e forte, com perfeito domínio de si mesmo e das mais variadas circunstâncias, mantinha-se inalterável. Tinha todas as características do chefe. Não se via atarefado nem aflito. O tempo era avaramente aproveitado e sàbiamente distribuído.

Piedade — Levantava-se, pelas 5 horas, e na capela se conservava até cerca das 8. Ia para lá antes dos alunos e de lá saía depois deles. Era pessoa de longa oração e de intensa vida de piedade. O seu espírito de fé causava-nos grande impressão. Tinha-se a certeza de que vivia profundamente, na sua grande alma, tudo o que nos dizia.

Os conselhos, as exortações, os apelos à virtude vinham reforçados pela autoridade da sua vida de fé, vida de amor, vida de mortificação espontânea e discreta, vida de total doação a Cristo, à Igreja, ao Patriarcado de Lisboa, que servia devotadamente na obra do Seminário.

Bondade — Quem o julgasse apenas através do rosto um tanto pesado, não poderia avaliar de quanta bondade o seu coração estava cheio. Pessoa absolutamente desprendida e despreocupada dos juizos dos homens, jamais apresentava o mínimo artifício.

O seu viver tinha constantes, que eram uma garantia. Quem recorria a ele, fosse quando fosse, ia de antemão certo e seguro de que seria bem acolhido. Acolhimento não apenas exterior, mas sempre feito com o coração. Todos sabíamos que íamos falar com um amigo, cuja bondade e paciência eram palpáveis. Não se pense, porém, que esta bondade se fazia de fraquezas. De forma alguma. O «fortiter et suaviter», que tantas dezenas de vezes lhe ouvimos, era o seu lema. E o «fortiter» sentia-se sempre que se recebia uma penitência por esta ou aquela falta. Bondade, mas firmeza.

Compreensão — Com a grande bondade de que era dotado e larga experiência dos homens e das coisas, compreendia lindamente os que dele se aproximavam. A todos ouvia atentamente. Não falava senão depois de ter escutado a exposição, que se ia fazer. E a resposta, quantas vezes contrária, era sempre amiga e animadora. Não se voltava de junto dele, sem algo de positivo na alma. A sua acção educadora pode dizer-se eminentemente construtiva.

Amizade — Todos sabíamos que o Senhor P.e Victor nos amava. O Seminário e os seminaristas eram tudo para ele. Quantas vezes lhe ouvimos dizer que o dia, em que tivesse de deixar o Seminário dos Olivais, seria o mais doloroso da sua vida. E cremos que assim foi. Na visita de despedida, que nos fez no Seminário de Almada, poucos dias antes de partir para o Perú, vimos-lhe, com imensa surpresa, grossas lágrimas nos olhos. Amizade profundamente humana, porque toda feita de dedicação sobrenatural. Assim deixou, em cada súbdito, um verdadeiro amigo. Só assim se podem formar homens.

Professor e escritor — Nos seis anos, que se consagrou totalmente à formação dos seminaristas, leccionou Moral, Pastoral e Sociologia. Ideias claras e princípios seguros, ao mesmo tempo que tinha um notável sentido de aplicação aos casos concretos.

As explicações e exposições calmas e luminosas caíam bem nas inteligências e moviam a vontade. As aulas eram agradáveis, ainda que exigentes. Dedicou parte do tempo disponível a escrever na revista «Reinado Social» — órgão da obra da entronização. Quem se der ao trabalho de percorrer os números da citada revista de 1931 a 1937 e mesmo ainda depois, poderá fazer ideia da sua actividade neste sector de apostolado. E ainda encontrava tempo para dedicar a Sacavém, onde foi alguns anos fazer a homilia da missa, que ali se ia celebrar ao pequeno grupo, que depois veio a dar a florescente e esperançosa cristandade de hoje.

Em 1937, levou-o a Providência para o Perú. Foi trabalhar em Lima, onde exerceu várias actividades apostólicas, entre elas a da rádio. E a 17 de Dezembro de 1954, no dia das bodas de ouro sacerdotais, foi chamado, pelo Mestre, que tão dedicadamente serviu, para a Pátria Celeste.

De lá contamos com a sua protecção.

P.e Pascal Piriou

Entrou em Portugal, como atrás ficou dito, a 26 de Setembro de 1931. Nasceu em 1948, em Chataulin (França). no seio duma família cristianíssima. Fez os seus estudos preparatórios em S. Miguel (Miranda del Ebro — Espanha), e cursou filosofia e teologia na Bélgica. Ordenado sacerdote, foi enviado para Roma a frequentar a Universidade Gregoriana, onde se doutorou em Direito canónico. Depois de sacerdote, trabalhou ainda em Espanha, antes da sua vinda para Portugal. Daqui saíu em 1945, tendo sido, então, nomeado conselheiro da Casa-Mãe, actualmente em Roma, mas, ao tempo, ainda na Bélgica em Braine-le-Conte.

Em 1953, já com a saúde bastante abalada, fora nomeado capelão das Religiosas da Congregação, em Seez, onde o Senhor o foi buscar para a Vida Eterna.

A actividade, no Seminário dos Olivais, está dividida em dois grandes capítulos. De 1931 a 1937, como professor de Direito Canónico e de Ascética e Mística, ao mesmo tempo que Director espiritual da maioria dos alunos. De 1937 a 1945, como Vice-Reitor e professor de algumas disciplinas, compatíveis com o trabalho do governo da Casa.

Artista — Estamos em presença dum homem de profunda sensibilidade artística. A sua forte vocação musical foi por ele cultivada, como dom de Deus, que devia fazer render. Os abundantíssimos dotes naturais, com o trabalho paciente e aturado de longos anos, fizeram do nosso P.e Pascal um dos melhores musicólogos e mais competentes mestres de música religiosa em Portugal. Era, sem dúvida, artista exímio, tanto na composição como na execução. E a música reflectia a alma límpida, serena e toda voltada para Deus. Quando ouvimos as suas composições, por pequenas que sejam, apercebemo-nos logo da personalidade inconfudível do seu ilustre e saudoso autor.

Nos inesquecíveis momentos, em que o ouvíamos tocar, os acordes pareciam-nos vibrações da sua alma. Quantas vezes, a execução de certas peças produzia o efeito duma pregação. É que ele tocava e orava. Pode dizer-se que a música era o estado habitual da sua alma.

Aqui deixamos indicadas algumas das melhores obras da sua vasta produção musical: 2 Missas; 4 «Te-Deum» a 4, 3 e 2 vozes. Vários «Tantum ergo»; vários motetos ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora e muitos outros; os responsórios da Semana Santa e um responsório das antigas matinas da Páscoa; vários «Ecce Sacerdos»; muito e variados cânticos em vernáculo. Por fim, várias composições profanas.

Capacidade de adaptação — Nota saliente da sua rica personalidade era a capacidade que tinha de se adaptar aos mais variados temperamentos e feitios. E aqui está, por ventura, a explicação da sua irradiante simpatia e da facilidade com que conquistava as pessoas, que com ele tratassem. De cada uma recebia dedicação e estima. Em cada seminarista tinha um amigo e um admirador. Até as crianças sentiam nele qualquer coisa, que as atraía. A candura do olhar, a frescura do jogo fisionómico, e a jovialidade do coração davam clima ao mundo infantil.

Distinção de trato — A delicadeza de sentimentos reflectia-se na distinção de maneiras. Afável e delicado com todos, impressionava sem criar distância. Estimada e procurada era a sua companhia, repassada sempre duma nota alegre de sã juventude, que distraía e entusiasmava. A sua ausência criava saudade. Creio que não haverá pessoa a quem a sua presença não haja comunicado uma mensagem de paz, de alegria, de alento para continuar o caminho.

Alma de apóstolo — A este conjunto notável de qualidades, juntava uma alma de apóstolo. E era através da virtude da simplicidade, perfume da verdadeira humildade, que a sua santidade irradiava. Nas aulas de Ascética e Mística, nas conferências, em tudo e sempre, aparecia-nos o asceta suave, o místico espontâneo, o apóstolo irradiante. Na serenidade do olhar, na doçura da voz, na singeleza do trato, reflectia a profunda e inalterável paz do espírito. Se as lições dadas nas aulas foram muitas, muito mais foram as que nos deu com o seu viver, de dia a dia, totalmente impregnado de Deus.

Foi com a maior surpresa que, em meados de Julho, recebemos a triste e dolorosa notícia do seu falecimento. Tudo estava já disposto para vir tomar parte nas festas jubilares do Seminário. Mandámos imediatamente ao Rev.o P.e Provincial Francês a seguinte carta:

Mon très Révérend Père

La nouvelle de la mort du cher P. Pascal Piriou, qui de 1931 a 1945 a consacré le mieux de son coeur et son travail à ce Séminaire, comme professeur, commo directeur et très specialement comme Vice-Recteur, nous a lessès à tous dans la consternation.

La nouvelle a été entierment inattendue, bien que l'on sut que sa santé n'était point parfaite. Le Père Pascal, vrai apôtre, avait une âme d'artiste et d'une grande distinction. Il avait le previlège de gagner chacun qui s'approchait de lui. C'est pour cela, que tous ses séminaristes, qui font déja quelques centaines, et dont la pluspart sont actuellement des prêtres exemplaires, lui consacraient une profonde amitié et une vénération très sincère. Le Séminaire, qui le comptait comm l'un de ses fondateurs, vient de perdre un ami; mais il sait qu'il aura maintenant un protecteur au Ciel. D'en haut, il nous protègera. On pensait l'enviter au Séminaire, en Octobre prochain, à l'occasion des fêtes jubilaires, en représentation de la Congrègation des SS. CC., envers laquelle le Diocèse et le Séminaire sont très débiteurs. Le bon Dieu a bien voulu autre chose; qu'Il soit béni. Le Séminaire a déjà célébré l'Office solennel des-Morts pour son âme et ne l'oubliéra jamais dans ses prières. Veillez, agréer, mon Très Révérend Père l'expression de mes sentiments très respectueux et ceux de tout le Séminaire.

C.° JOSÉ AMARO TEIXEIRA

Foi-nos enviada, passados poucos dias, a carta seguinte:

Paris, le 19 aout 1956

Monsieur le Vice-Recteur,

J'ai été très sensible à la délicatesse avec laquelle vous m'avez exprimé votre sympathie et celle de tout le Séminaire à l'occasion de la mort du P. Pascal. J'y ai été d'autant plus sensible que le P. Pascal était mon oncle. Mieux que quiconque je sais combien il aimait Olivais. Nous nous trovions ensemble en famille, durante les vacances de 1945, lorsqu'il apprit son départ de Lisbonne.

Ce fut la plus dure épreuve de sa vie; je le vis pleurer durant sa messe oú il unissait son sacrifice à celui de Jésus pour la sanctification des séminaristes et prêtres auxquels il s'était donné pendant quatorze ans. Merci de vos prières pour lui. Je ne doute pas qu'il se trouve déjà près du Bon Dieu, lui qui fut toute sa vie si sincèrement bon, et qu'il intercède pour nous tous.

Veuillez agréer, Monsieur le Vice-Recteur, avec mes remerciments l'assurance de mes religiuex et respectueux sentiments.

GEORGES PIRIOU
Provincial

ADVENTO

Quem se habituou a fazer conscientemente os gestos mais vulgares, não é sem emoção, que, todos os anos, ao findar o cíclo litúrgico, volta o registo do missal romano do último domingo depois do Pentecostes para o primeiro do Advento. Aquele manípulo de folhas são, ao mesmo tempo, a mão cheia da colheita no termo de um ano, (como na imagem do salmista: «venientes, venient cum exsultatione portantes manipulos suos», S. 125) e a carta-roteiro do ano novo.

Para falar com mais precisão, não se trata nem de fim nem de princípio, mas apenas de avançar um pouco mais, sempre ao encontro d'Aquele que *vem*.

Ao *ano litúrgico* a Igreja prefere chamar o *ciclo litúrgico*, a *roda* do tempo, na marcha contínua da sua existência terrestre ao encontro do Senhor.

Realmente, o Senhor *veio* já, quando «se fez homem e habitou entre nós»; mas continua a *vir* nas múltiplas formas do seu encontro com os homens e *vem* principalmente à face da Sua Igreja, no mistério eficaz do Seu culto. Sobre o Altar Ele se torna presente, realizando o mistério da salvação; na proclamação da «Palavra da vida», o Verbo Eterno ecoa de novo aos nossos ouvidos de gente desorientada, como voz sinalizadora do caminho; na oração da Sua Igreja, que mais não fosse que de dois ou três reunidos em Seu nome, Ele está no meio deles.

Até ao limiar da glória, a vida da Igreja é constante caminho para desvendar «a face do Senhor», que a cada instante também, se lhe vai fazendo encontrado, como aos dois discípulos na estrada de Emaús.

A vida terrestre da Igreja é, pois, um Advento contínuo, um constante encontro com o Senhor.

*
* *

Porquê, então, estas quatro semanas antes da festa do Natal, com o nome específico de Advento?

Justamente e bem a propósito. Sendo o ano litúrgico, como fica dito, cíclo de vida que, a bem dizer, não termina, mas se solda no ano seguinte em continuidade vital, depois da constante ascensão em que se caminha desde o Pentecostes, já desde a Páscoa, já desde o Natal, depois, sobretudo, do anúncio escatológico dos últimos domingos verdes e, mais que todos, do último, com a sua leitura evangélica, rasgando ante nossos olhos a perspectiva do Senhor que vem sobre as núvens do Céu, a consumar a Redenção, no encontro definitivo dos homens com Deus, trazendo em resposta ao «habitavit in nobis» da Incarnação, o «venite,... possidete regnum» da parusia, — justamente, a seguir ao tempo depois do Pentecostes, o tempo do Advento, o tempo da Vinda do Senhor.

É certo que o missal, colocando esta quadra no início do *Temporal*, parece fazer dela o princípio; mas nem, por isso, o Advento deixar de ser primeiramente a continuação lógica do ano litúrgico anterior, ao mesmo tempo, é certo, que o grandioso pórtico abrindo sobre o cíclo que segue.

Este carácter misto de remate e de começo, que claramente se pode ler na liturgia do Advento, faz dele uma quadra inconfundível, profunda, onde se encontram o *passado* e o *futuro* — toda a história de Deus — vivida no *presente* de cada ano, pela celebração cultual da liturgia.

A história do mundo é um capítulo da história de Deus e, na história de Deus, o pretérito prefigura o futuro e o presente não é mais do que o fruto que o passado nos trouxe e preparação dos que o futuro nos há-de trazer.

*
* *

Deus, que veio ao encontro de Adão no Paraíso, que se fez encontrado com Abraão sob a tenda de Mambré, que falou a Moisés do meio das núvens do Sinai, e tantas vezes ao seu povo, pela boca dos Profetas, «nos últimos tempos falou-nos por Seu próprio Filho». (Hebr. 1, 1).

A Incarnação é o Advento definitivo, é, pelo menos, o princípio do último Advento, pois, assim como Jesus Cristo, Verbo feito homem, nunca mais deixará de o ser nem trará ao mundo maior aproximação entre os homens e Deus, assim a era da Incarnação, inaugurada no presépio de Belém, não será substituída por nenhuma outra. Ela é o último tempo, «novissimis diebus», ou, segundo a linguagem da liturgia, o ocaso do tempo, «vergente mundi vespere»!

É a idade de Cristo, a idade da Igreja. A sua peregrinação neste mundo, por mais longa que se nos afigure, «até que o Senhor volte», e a própria entrada no Céu, «na glória de Deus Pai», não serão eras novas, e o Paraíso é tão sòmente o pleno meio dia deste dia que se inaugurou quando Jesus nasceu. A vida da Igreja na terra — os nossos dias — são já o dia da eternidade, onde nós penetrámos, pela graça de Cristo.

o dia do juízo estabelece a Igreja na sessão definitiva, inamissível, na morada do Pai; é a glória, o esplendor da graça. Mas a graça, semente fecunda da glória, essa brota do coração divino e humano do Redentor, do «Menino que nos nasceu, do Filho que nos foi dado», d'Aquele que durante tantos séculos, até à noite santa de Belém, foi o «Desejado das nações».

*
* *

Donde se pode entender que o cíclo litúrgico, arrastando-nos ao longo do ano nos passos de Cristo, enquanto nos não leva à visão de Deus — essa hora da suprema misericórdia só o Pai a conhece — tem de nos levar de novo e sempre aos pés d'Aquele que de si mesmo disse: «Eu sou o caminho» — Jesus Cristo Senhor Nosso.

Por isso, à perspectiva grandiosa da suprema vinda do Senhor, na parusia, que o cíclo anual, domingo a domingo, vai tornando mais clara, sobretudo nas últimas

semanas do ano e nas do Advento, substitui-se ou antes sobrepõe-se, de novo, a aparição calma e sorridente do divino Infante — o Emmanuel.

* * *

O Advento coloca-se entre o final e o princípio deste cíclo anual ou antes é a *sobreposição* destes dois extremos. Princípio e termo, preparação e vinda, anúncio e presença, numa palavra, é tempo do encontro com «o Deus que era, e que é, e que vem». (Apoc. 4,8).

Assim como o Natal não pressupõe que somos, como os pastores ou os magos, gente que ainda não conhece a Cristo, assim o Advento não é apenas uma transposição ficticia para tempos prè-messiânicos do Antigo Testamento.

A liturgia não é arremedo teatral. É vivência, vivência de todo o mistério de Cristo, criando, no entanto, em cada quadra do ano, especiais disposições e concedendo graças peculiares, consoante é natural para a nossa condição humana. Utiliza ela certamente os exemplos e ensinamentos do Antigo Testamento em particular, para despertar em nossos corações a consciência do mistério de graça e salvação, que essas gerações, talvez mais que nós, souberam desejar, e que agora, para «os felizes que podem ver o que nós vemos e ouvir o que nós ouvimos», está presente no meio de nós, e no meio de nós de novo se vai desdobrar, no salutar prisma do ano cristão.

*

* *

A melhor maneira de penetrar nas profundidades insondáveis deste santo tempo é abrir os livros litúrgicos — o missal e o breviário — e meditar como a Igreja medita.

No breviário, cruzam-se diante do nosso espírito imagens grandiosas de majestade, temor, promessa, esperança e de paz. Vai chegar Aquele por Quem todo o mundo suspira e Esse é «o poder de Deus, o Rei de Israel, a cuja passagem se levantam as portas da eternal mansão»; é «o Filho do Homem a Quem todos os povos, tribos e línguas hão-de servir, cujo reino é eterno».

E é «Filho duma Virgem, toda cheia de graça que dará à luz o Filho do Altíssimo».

É «o Salvador»!

Para o mundo em trevas Ele é a Luz.

Para os povos oprimidos Ele é o libertador.

Para os proscritos e dispersos Ele é «o Rei das Nações», que as há-de governar na paz».

«Ele próprio será a Paz, — erit iste Pax».

«Os Céus se hão-de alegrar e a terra saltará de contentamento, porque o Senhor vem».

E Jerusalém, o povo santo de Deus — a Igreja de Cristo — ouvirá mais uma vez da Sua boca palavras de consolação:

«Não chores; o Senhor se apiedou de ti.

Exulta, filha de Sião, rejubila, filha de Jerusalém.

Ergue-te, levanta-te, surge da tua tristeza, Jerusalém; quebra os grilhões que te prenderam, cativa filha de Sião.

Os estrangeiros não mais passarão por ti», deixando após a si a ruína.

«Os céus vão chover o justo; da terra brotará o Salvador.

Montes de Israel, estendei ao largo os vossos ramos; carregai-vos de frutos, porque está próximo o dia do Senhor».

E no deserto de Judá e nas margens abruptas do Jordão levanta-se austera e majestosa a figura singular de João Baptista, para traduzir, em linguagem nova, a antiga mensagem de Deus ao Seu povo:

«produzi fruto condigno do arrependimento».

Os homens hão-de purificar o seu coração e aplainar, antes que chegue o grande Rei, os caminhos tortuosos de suas vidas, levantando os vales de seus defeitos, deprimindo as colinas da soberba e orgulho.

E «vivamos com piedade e justiça, na esperança da feliz Esperança».

«É realmente a palavra do Advento: — *esperança* — esperança que é certeza. Por isso, o jubiloso *Aleluia* pascal continua a fazer ouvir as suas melodias a cada passo. E S. Paulo, no domingo *cor de rosa,* quer que seja na alegria, «na alegria do Senhor», que havemos de O esperar, a Ele, que aliás «está perto de nós», que vive já no meio de nós.

*
* *

Já o Arcanjo Gabriel desceu a Nazaré e a terra ouviu a mensagem inefável do Altíssimo, que Isaías pressentira sete séculos antes:

«A Virgem dará à luz um Filho e será chamado Filho do Altíssimo».

A Virgem Santa Maria! É ela «a terra orvalhada com o rócio do céu», «a — terra nostra — que dará o seu fruto, por benignidade do Senhor».

Exultante do tesoiro que em seu seio virginal encerra, corre às montanhas da Judeia a visitar sua prima Isabel, para uma na outra admirarem as coisas maravilhosas que nelas «operou Aquele que é poderoso».

O menino de Isabel *saltou* de contentamento no ventre materno e foi cheio do Espírito Santo.

E o *frémito* da *universal exultação* que o Salmista cantou para os dias da vinda do grande Juiz, em que «*se agitará* o mar e a sua plenitude, o mundo e todos os seus habitantes; e os rios *baterão palmas* e os montes *pularão* de alegria». (Salm. 95,13 e 97,9).

Até o poeta profano, com menos certezas, porque sem as certezas do céu, mas não menos inspirado, que lho ditava o coração, igualmente inquieto por ver a face do Deus que lhe inspirava essa esperança que já era a de Cristo, cantou;

«Aspice convexo nutantem pondere mundum
terrasque tractusque maris coelumque profundum;
aspice venturo laetantur ut omnia saeclo». (1)

(Verg., Buc. 4/50-53).

*
* *

O Filho que Maria traz no seio vai ser cantado como «a luz grande que desce sobre a terra». E a luz começa de espargir os seus raios.

Fenece a treva da grande noite, daquela noite que abraçou a terra quando sobre o Paraíso se abriram as asas de Satan.

Ilumina-se de claridades esplêndidas a aurora da Redenção.

Zacarias canta o «Benedictus», dos «louvores matutinos»:

«Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo,

...por Sua misericórdia que nos manifestou vindo do Alto, como o sol nascente».

«O Oriens, — ó Esplendor da Luz eterna, Sol de justiça, *vem* e ilumina os que estão sentados nas trevas e na sombra da morte».

Veni — vem! É a oração do Advento! É a oração da Igreja de sempre, neste Advento constante em que ela vai descobrindo, cada dia mais, a face do Senhor!

Veni, Domine Jesu! É a última prece que o discípulo que Jesus amou soube deixar à Igreja, para que Ela a reze, «até encontrar Aquele por quem o seu coração anseia».

E Ele *vem*. Onde? «Transeamus usque Bethlehem et videamus hoc verbum», diziam entre si os pastores. «Vamos até Belém e vejamos que Palavra é esta que o Senhor nos revelou». Esta Palavra, este *Verbum* é o Verbo de Deus feito Homem.

É ali, a seus pés, que o Advento nos leva, é Ele que o Advento nos traz, Ele, o Menino de Belém, a Quem porão o nome de Jesus — o Salvador — porque salvará o Seu povo dos seus pecados,

mas «cujo império não terá fim»,

«o Cristo de ontem, de hoje, do século futuro»,

«o Cristo Senhor», como disseram os anjos aos pastores, —

— Nosso Senhor Jesus Cristo.

É Ele que aí vem e se nos vai manifestar — Ecce advenit! *(Epifania)*

P. J. Ferreira

---

(1) «Olha, como na sua massa redonda *estremece* o mundo, a terra, o mar e o céu profundo; olha como tudo *se alegra* com a idade que vai chegar».

A NECESSIDADE DA ACÇÃO CATÓLICA

Quem quer que tome parte numa reunião, num círculo de estudos, num campo de formação da Acção Católica, encher-se-á de admiração não tanto pelo trabalho realizado — que na verdade já muito é — mas, e sobretudo, pelas perspectivas enormes do apostolado por ela abertas (1). E se este observador ler com atenção os numerosos documentos do Magistério em que se abordam os problemas do movimento, em particular os de Pio XI e Pio XII, verificará como a A. C. tem aos olhos dos Pontífices uma importância primordial no apostolado moderno da Igreja.

Estes simples factos postulam desde já uma afirmação: a A. C. corresponde às necessidades actuais do apostolado; mais ainda: é o meio providencial pelo qual a acção da Igreja se estende a todos os campos da actividade humana. Tal conclusão procuramos fundamentar e analisar nestas páginas.

*
* *

Inúmeros são os documentos pontifícios que falam da necessidade da A. C. Assim por exemplo diz Pio XI: «É portanto necessário que na nossa época todos sejam apóstolos; é *sumamente necessário* que os leigos não levem uma vida ociosa, mas antes estejam atentos à vontade da Igreja e de tal modo ofereçam os seus serviços que, orando, sacrificando-se, colaborando activamente, contribuam em grande escala para o incremento da fé católica e para a reforma cristã dos costumes» (2). Noutro local diz o mesmo Papa: «Estas são as razões que levam a Igreja a solicitar *com particular insistência* a ajuda dos leigos e a pedir-lhes que se unam e ajudem a Hierarquia, convertendo-se no braço direito do clero» (3). O Santo Padre nestes dois textos não fala claramente da Acção Católica, mas sabemos que ela estava subjacente no seu pensamento, sempre que falava da união dos leigos em ordem a um serviço mais eficaz do apostolado da Igreja, mais dependente da Hierarquia.

Mas é Pio XII, aquele mesmo Pontífice que vem tendo o cuidado de precisar certos pontos doutrinais em que assenta a Acção Católica, quem fala explicitamente da necessidade deste movimento. Em 25 de Janeiro de 1950, numa exortação ao Episcopado italiano, afirma: «Em vista deste novo e esperado aumento das forças operan-

---

(1) Em Agosto último pela primeira vez, no Patriarcado ao menos, reuniu-se num campo de formação da A. C. (campo organizado pela J. A. C.) um grupo de seminaristas. Esta experiência, pelos reflexos que encontrou do lado dos jacistas e do dos seminaristas, convém ser repetida frequentemente.

(2) Pio XI, carta *Laetus sane* ao Cardeal Segura (6 de Junho de 1929).

(3) Pio XI, carta a Mons. Skwirckas e aos bispos da Lituânia (27 de Dezembro de 1930).

tes da Igreja, julgamos ser Nosso apostólico ministério convidar, uma vez mais, *com fraternal insistência, o Clero com cura de almas para que, em todas as paróquias — as perdidas nos campos ou nos montes, como as dos grandes centros urbanos* — se estabeleçam as quatro Associações fundamentais da Acção Católica Italiana: Juventudes Masculina e Feminina, Uniões dos Homens e das Mulheres. A este Nosso desejo acrescentamos outro: o de não faltarem, em algumas dioceses, as Associações Universitárias e os dois movimentos dos Licenciados e Professores» (4). Na mesma exortação insinua Sua Santidade a luz autêntica a que devemos examinar os documentos citados do Seu glorioso Predecessor: «Ao escrever-vos, Veneráveis Irmãos, ...apraz-Nos uma vez mais, pôr em relevo como a bem ordenada colaboração dos leigos com o apostolado hierárquico — que desde a idade apostólica sempre esteve entre as tradições mais constantes e fecundas da Igreja — *revelou ser de uma particular e urgente necessidade dos nossos tempos e se torna mister promovê-la por todos os modos*» (5).

A clareza meridiana deste texto não exige qualquer explicação. Em Itália, como em Portugal, onde a Acção Católica goza do mesmo lugar de preeminência e coordenação das associações para os leigos, torna-se necessário estabelecer em toda a parte, cidades e aldeias, em todas as classes, intelectuais, operárias e agrárias, as Organizações da Acção Católica.

*
* *

Quais são as condições dos tempos presentes que exigem tão urgentemente estabelecimento da Acção Católica? Quais os fundamentos da sua necessidade?

Costumam agrupar-se em três classes estes fundamentos: paganização do mundo contemporâneo, falta de clero e a emancipação das estruturas sociais da direcção e orientação directas da Igreja. Vamos analizar ràpidamente as duas primeiras e dedicar um pouco mais de espaço à terceira, pois é ela que nos dá as razões profundas da Acção Católica e portanto nos indica qual a sua natureza.

*
* *

Cristo já não informa o mundo contemporâneo que, concebido por mentalidades laicas, é fruto de uma cultura centrada nas realidades materiais e de uma moral desligada de todo o vínculo sobrenatural.

A descrença já não é apanágio de alguns, como nos séculos passados, mas atinge classes inteiras e inspira até a política de não poucas nações. A amoralidade, a imoralidade, são pregadas pùblicamente e aliciam grandes sectores populacionais causando em todos, por vezes, dificuldades no discernimento do bem e do mal, da mentira e da verdade. O culto do Estado, da Classe, do Homem, do Dinheiro, do Poder e do

---

(4) Pio XII, Exortação ao Episcopado italiano, de 25 de Janeiro de 1950, *in* Boletim Oficial da Acção Católica Portuguesa, Março de 1950, pág. 223.

(5) *Ibidem*, pág. 221.

Sexo substituiu o culto do Deus verdadeiro. «Por um lado deploramos que a sociedade humana esteja frequentemente destituida de espírito cristão e ordinàriamente se leve uma vida própria de pagãos; que em muitas almas diminua a luz da fé católica, que por conseguinte quase se extinga o sentimento religioso e cada dia pior miseràvelmente a integridade e santidade de costumes» (6). Da paganização resulta haver meios onde o padre não pode penetrar, onde é tido como inimigo ou ao menos acolhido indiferentemente como relíquia de coisas passadas.

*
* *

Outro factor da necessidade da Acção Católica é, como dissemos, a falta do clero. «Por outro lado, diz ainda Pio XI, não nos causa pouca pena que em muitos lugares o clero seja insuficiente para as necessidades dos nossos tempos» (7). São citados por Mons. Vizcarra (8) os seguintes números bem expressivos, observados pelo P.e Combalot na cidade de Paris: meados do século XVII, 10.000 sacerdotes para 350.000 almas (1 para 35 habitantes), em 1789, início da Revolução Francesa, 6.000 para 500.000 (1 para 85), em 1845, 500 para 1.000.000 de habitantes (1 para 2.000). Entre nós os dados são bem conhecidos. A leitura das aflitivas pastorais do Senhor Cardeal Patriarca corrobora e sublinha estes números. Ainda recentemente Sua Eminência afirmou que a média de ordenações anuais não chega para cobrir eficientemente o aumento da população do Patriarcado. E a descristianização já descrita agrava este quadro: não só torna mais difícil o aparecimento de vocações sacerdotais como exige maior rigor na escolha dos ordinandos.

*
* *

A terceira razão apontada é, parece-nos, a mais fundamental. Sem ela a Acção Católica seria um movimento diferente do que é. Ter-se-ia de a conceber como um remédio «in extremis» para uma situação calamitosa que não poderia ser debelada de outra sorte. Mas a Acção Católica aparece-nos nas palavras dos Papas e na sua organização não tanto como *panaceia de emergência* mas como algo de profundo, de vital, dentro do sentido constante do apostolado da Igreja. Ela corresponde à actual organização da sociedade humana, corresponde ao sentido do progresso social do homem, corresponde ao momento histórico que vivemos e ao qual se chegou por uma evolução também *progressiva e positiva* das estruturas humanas. Considerando esta razão, veri-

---

(6) Pio XI, citada carta ao Cardeal Segura.
(7) *Ibidem.*
(8) Mons. Vizcarra, *Curso de Acción Catolica,* Ed. A. C. E., Madrid.

ficaremos que a Acção Católica existiria hoje, essencialmente como é, mesmo havendo o número de padres suficientes, encontrando-se ainda a sociedade *actual* influenciada pela Igreja como, por exemplo, na Idade Média.

*
* *

É já lugar comum afirmar-se estar em formação um novo mundo. Todos os historiadores e filósofos que se têm dedicado ao estudo do significado profundo dos acontecimentos que vamos vivendo, anunciam uma nova organização de todos os quadros da vida humana, das actividades privadas e públicas, nacionais e internacionais. A apreciação valorativa destes acontecimentos tem sido também intentada por pensadores cristãos. Aqui, contudo, nem sempre reina a unidade de vistas. Para alguns, integrados numa concepção mais ou menos pessimista da história, o novo mundo será mais uma etapa ganha pelo anti-Cristo na sua luta com os filhos de Deus. Para tais só se oferecem duas atitudes cristãs em face do mundo actual: ou a fuga, a abstenção de acção social cristã ou a restauração de formas de civilização já ultrapassadas, mas que incarnariam melhor o ideal de uma sociedade cristã. Outros, sem dúvida a maior parte, adentro de um prudente optimismo acerca da história dos homens, acreditam estar em formação uma nova sociedade que, sendo embora nova na sua organização e estruturas, porque novas as circunstâncias que a geram, poderá realizar novo estádio positivo do regresso dos homens para Deus, em Cristo e na Sua Igreja, se os cristãos intervierem decisivamente na sua gestação.

Todo o ensinamento dos últimos Papas, nomeadamente Leão XIII, Pio XI e sobretudo Pio XII, parece orientar-se para esta concepção optimista, ou melhor *esperançosa,* — no sentido cristão da palavra —, da história. Pio XII, com efeito, longe de se afastar dos problemas actuais, enfrenta-os com uma intrepidez e um interesse tais que não sabemos que mais admirar: se a actualidade dos conhecimentos, se a prontidão e coragem em dar a visão cristã dos mais discutidos problemas.

É dentro desta visão de esperança que se compreende a Acção Católica.

*
* *

Não podemos, é certo, determinar as características da sociedade em formação. Escapam-nos muitos dados só perceptíveis a uma visão posterior. Escapa-nos também o sentido dos acontecimentos actuais só a descobrir pelo tempo. Certo é contudo que as relações entre o espiritual e o temporal serão caracterizadas por melhor distinção dos respectivos campos. Dizemos propositadamente *espiritual* e *temporal* porque tal distinção não se efectuará exclusivamente nas relações entre a Igreja e o Estado, mas também em todos os campos da actividade temporal do homem. Note-se também que usamos *distinção* e não *separação*. Esta palavra supõe distância o que de maneira alguma pode haver entre as coisas de Deus e do homem. Vamos encontrar no Evangelho — «Dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus» — o fundamento doutrinal da delimitação das autoridades e competências. Aqui, uma vez mais, o tempo

e os acontecimentos vão revelando melhor o sentido e o significado profundos das palavras do Senhor. Para melhor compreendermos o sentido desta distinção analisemos brevemente a história das relações entre as duas sociedades perfeitas que enquadram a nossa existência.

A Igreja e o Estado no seu primeiro encontro enfrentaram-se como hostis. A Igreja foi perseguida como destruidora de uma ordem social que, com efeito lhe era estranha nos princípios doutrinais e éticos. O Império Romano, julgando o Cristianismo a uma luz meramente humana, via nele um poder político adversário. Não via, não podia mesmo ver, que entre os dois o que existia era uma incompatibilidade interna, de concepções, de interpretação de Deus, do homem, do mundo. Julgava o Cristianismo um cancro que lhe roía a unidade, o prestígio e a autoridade, quando ele era o mais importante factor de um rejuvenescimento transformador do estado romano.

Foi Constantino quem primeiro percebeu a importância deste factor. Com ele nasceu um novo tipo de relações Igreja-Estado (melhor, nasceram oficialmente estas relações) A Igreja, saída das trevas da clandestinidade para a claridade do reconhecimento e apoio oficiais, confia-se nas mãos dos príncipes. E surgem as contínuas intromissões dos Imperadores na vida interna da Igreja, no dogma, na moral, na disciplina, na expansão missionária, etc., etc.

Com a queda do Império Romano e o nascimento da Idade Média é a Igreja que vai proteger pela sua experiência e sólida estrutura, os estados recém-formados. Ela forma a Europa e o Papa, Seu Chefe, comanda, orienta, os acontecimentos políticos do Continente. Cria-se um novo tipo de relações que vai deixar reflexos nas mentalidades, nos costumes, nas próprias leis, mas que bem cedo entra em decadência e deixa de informar a vida europeia. Nos príncipes começa a formar-se a noção da sua autoridade, da independência do temporal e do espiritual. Os povos vão consciencializando cada vez mais os valores que os constituem como nação. Quebra-se a unidade da Europa e com ela a importância da arbitragem e orientação políticas de Roma.

Esta emancipação do temporal não se faz sem lutas, incompreensões e injustiças, por vezes da parte dos chefes da Igreja, mas no maior número dos casos, da parte dos senhores temporais que, embriagados pelo poder recém-descoberto, se revoltam e lesam os direitos da Igreja. Surgem os vários cesaropapismos da Idade Moderna: galicanismo, febronianismo, josefismo, pombalismo, etc. Tais lutas contudo encobrem algo de real e positivo: a distinção, a limitação das competências das sociedades civil e religiosa. No próprio Magistério da Igreja dá-se uma evolução de terminologia que precisa as atribuições das duas autoridades: Afirma Leão XIII na encíclica «Immortale Dei»: «Deus dividiu o governo do género humano em dois poderes: o poder eclesiástico e o poder civil; aquele preposto às coisas divinas, este às coisas humanas. Cada um deles no seu género é soberano; cada um está encerrado em limites perfeitamente determinados, e traçados em conformidade com a sua natureza e com o seu fim especial». Compare-se este texto, por exemplo, com a bula de Bonifácio VIII «Unam sanctam». A doutrina é a mesma sem dúvida (confira-se o comentário do próprio Bonifácio VIII à reacção que provocou em Filipe IV de França a bula) (9).

(9) Citado no *Enchiridion symbolorum* de Denziger e Rahner, 29.ª edição, nota 2, pág. 218.

Mas a doutrina é, no documento de Leão XIII, citada com uma clareza e precisão tais que só a evolução dos tempos pode explicar.

Simultâneamente à autonomia do poder civil deu-se paralela evolução nos outros campos da actividade humana. A filosofia distingue-se da teologia, distingindo-se com maior precisão a autoridade da razão naquela e a autoridade do Magistério nesta. Da filosofia vão-se separando as diferentes ciências experimentais: física, astronomia, química, biologia, psicologia. Esta separação não se faz também sem lutas, desconfianças, de parte a parte. Destas lutas é um episódio o triste caso de Galileu. A técnica, resultada do aprofundamento das ciências experimentais, cria uma nova série de actividades, um conjunto novo de estruturas sociais, que escapam à influênca directa da Igreja.

Distintas, muitas vezes distantes da acção da Hierarquia, estas actividades humanas levantam com a sua evolução problemas que urge resolver à luz de uma sã doutrina ética e dogmática. A Igreja não pode desinteressar-se delas já que continua na terra a missão daquele que, fazendo-se Homem para salvar o homem, assumiu em si tudo o que é autênticamente humano. Aliás haveria, com o desinteresse da Igreja, um fosso a separar o fermento da massa. O Reino dos Céus não cumpriria a acção transformadora que, por instituição do Seu Fundador, Lhe é essencial.

Entre a Igreja e as novas estruturas de que vimos falando, urge pois instaurar uma acção circular pela qual a Igreja informando-as, recebe em si estes novos valores que por seu lado contribuirão para o Seu desenvolvimento orgânico.

Como se vai estabelecer tal circularidade? Mesmo nos países onde existe a união da Igreja e do Estado — em tese o regime ideal das relações dos dois poderes — esta união, por deficiência dos homens, não mais é vitalizadora e, pela força da divisão e especialização de que falámos, já não postula uma influência directa da Igreja. A influência da Igreja só será possível quando exercida por aqueles mesmos membros da Igreja que estejam presentes nas estruturas da sociedade temporal e que, na dependência estreita da Hierarquia, gozam nelas de autoridade e competência. Isto é, através da Acção Católica.

*

* *

Chegámos ao fim do nosso trabalho. Cremos ter demonstrado a premente necessidade da Acção Católica. Para isto bastava a consideração atenta das palavras dos Pontífices Romanos. A análise mais longa que fizemos da terceira classe de causas que exigem a Acção Católica foi intencionalmente feita para ajudar a resolver muitos problemas que se levantam hoje em dia sobre a Acção Católica e para relembrar alguns pontos que parecem andar esquecidos dos leigos, mas sobretudo de nós seminaristas e por vezes até daqueles que já têm hoje o cuidado e a responsabilidade do pastoreio dos fiéis. Terminamos este artigo pondo em evidência quatro destes pontos que resultam do que foi dito e são ao mesmo tempo vias para a resolução dos problemas referidos:

— A Acção Católica goza, ao menos no caso português (e vimo-lo também no italiano), de um lugar de preeminência e coordenação, entre todos os movimentos dos

leigos. Tal afirmação encontramo-la nos documentos pontifícios e na vontade dos nossos prelados expressa nos estatutos do movimento.

— As organizações da Acção Católica devem quanto antes ser instaladas por toda a parte, cidades e aldeias, fábricas e escolas, pois em todos estes meios se verifica a evolução social de que falámos, quer tenham disso ou não consciência os pastores de almas.

— A Acção Católica é um movimento de leigos. A Hierarquia dá o mandato e a orientação superior; fiscaliza as suas actividades por meio dos assistentes; vitaliza e forma os seus membros pela liturgia (no sentido mais amplo da palavra) vivida sobretudo na paróquia, centro normal da irradiação cristã. *Mas aos leigos compete a direcção executiva do movimento.*

— A Acção Católica não absorve todos os cristãos pois que nem todos, nem mesmo os mais santos, enquanto tais, são chamados a este apostolado. Sòmente chama aqueles que pela sua competência profissional, prestígio moral, espírito de iniciativa, formação cristã, possam influir apostòlicamente pela palavra e exemplo, nos meios familiar, profissional e social em que vivem.

— Finalmente: A Acção Católica não se destina formalmente à organização e vida interna das paróquias. Portanto não existe para substituir os sacristães, os empregados da igreja, associações de leigos que para tal directamente foram criadas. A sua missão formal é um apostolado centrífugo, irradiante, que tem por campo de acção todos os meios sociais que enquadram a vida moderna. Isto exige em todos os pastores de almas e em nós que o seremos um dia, um espírito desinteressado, de vistas largas, sem mesquinhez, um espírito autênticamente católico.

MIGUEL ANTÓNIO PONCES DE CARVALHO

«AMAI AS CRIANÇAS COMO ELAS SÃO» (1)

SEENE KEPLER

Acaba de sair, há relativamente pouco tempo, em publicação das Edições Paulistas, nova colecção, versando agora temas pedagógicos: «A mãe e a criança». O primeiro da mesma, da autoria da psicóloga alemã Seene Kepel, intitula-se: «Amai as crianças como elas são». Destina-se o presente volume directamente aos pais da criança, procurando fazer-lhes ver, que ela não é muitas vezes como eles a concebem, podendo um certo número de preconceitos que criem, dificultar grandemente os primeiros contactos da criança com a vida, provocando-se até, não raro, acidentes deveras desagradáveis, cuja causa, muitas vezes parece ignorar-se. É assim este pequeno livro um auxiliar deveras precioso na grande tarefa, ao mesmo tempo que arte, a de educar uma criança.

PITA SOARES

«QUANDO A CRIANÇA NÃO APROVEITA NA ESCOLA» (1)

WALTER HEMSING

Referências ao conteúdo do livro e ao critério de elaboração são quase desnecessárias. Efectivamente, o título é sugestivo e os problemas abordados bastante comuns para que deles a Psicologia tenha formulado soluções estáveis e determinantes.

Apresenta-nos o autor uma série de casos, dos mais frequentes e elucidativos, a que dá conveniente resolução. Ao longo do livro é fácil entrever a acentuada insistência em chamar à atenção dos responsáveis não só para as deficiências de índole patológica, atraso mental dos educandos, bem como para o sistema educativo e atitudes que tomam perante a inaptidão real ou aparente dos mesmos.

Apela a que se façam subordinar as condutas a valores e não a sugestões; se realcem os aspectos positivos do carácter da criança; se desenvolvam e orientem as aptidões inatas — o melhor meio de atrofiar tendências sem combate directo e incisivo; se actue sob um optimismo confiante e sobretudo irradiante — a melhor maneira de bem equacionar os esforços de quem educa com a boa vontade do que aprende.

Não há a pretensão de fazer um estudo exaustivo das possíveis anormalidades que impedem o bom rendimento escolar, mas é nisto que está o carácter acessível e oportuno do livro.

A. HENRIQUE

---

(1) Edições Paulistas.

CRÍTICA DE «NARRATIVAS E LENDAS DA ANTIGA GRÉCIA» (1)

«Narrativas e lendas da antiga Grécia», é verdadeiramente, como no-lo diz o título original, «A Wonder Book», um livro maravilhoso, fantástico, diríamos. É um livro para crianças, pelo objecto, mas é também para adultos pela bela forma literária. É uma dessas obras que fazem delirar de entusiasmo a infância, sempre ávida de histórias em que entrem monstros de proporções agigantadas e heróis praticando mirabulantes façanhas, dessas obras que encantam os adolescentes e divertem os velhos. É afinal, um livro de histórias para todos... o modo como o autor as apresenta, é perfeitamente pedagógico. Podemos considerar o livro como a narração duma única histórica — a história de um grupo de crianças e dum estudante acriançado, que como todos os outros, brincam, saltam e passeiam. É ao longo desses passeios pelas tardes douradas de Outono, ou nas alvas manhãs de neve, ou ainda nas frias noites de inverno, cercando a agradável e acolhedora braseia, que o «Primo Estáquio» vai deliciando o seu infantil auditório, com as maravilhosas narrativas dos heróis da Grécia Antiga.

A obra tem uma finalidade didáctica, pondo a criança, sem ela quase dar por isso, ao corrente da mitologia grega. Passam-lhe diante dos olhos, cercados por um enredo fascinante, os deuses e heróis da antiguidade clássica.

Podemos imaginar o entusiasmo dum leitor infantil, ao encontrar, movimentadas por uma intensa vitalidade, as personagens que os livros da escola ou as lições do mestre, lhe têm apresentado, frias e mortas, secas e isoladas.

Ao lado desta precoce iniciação mitológica, «As lendas da antiga Grécia» dão aos seus leitores, belas lições morais: — o castigo de quem é avarento, na história do rei Midas; a recompensa de quem pratica o bem, na do jarro milagroso; as funestas consequências da curiosidade, no «paraíso das crianças».

Não faltam mesmo os pensamentos elevados:

— «Quando os homens não estimam os mais humildes forasteiros como irmãos, não merecem viver na terra que foi criada para moradia da fraternidade humana» — pág. 119. Frase em que ressaltam bem claros os princípios da caridade cristã. É o que há a dizer deste livro de maravilhas fantasiadas. Encanta, diverte, ensina...

JOSÉ POLICARPO

(1) Edições Paulistas.

«A CRIANÇA OBSTINADA» (1)

ARTUR WIELAND

É o terceiro livro duma pequena colecção intitulada «A Mãe a Criança».

Livro simples, vemos, através dos muitos casos contados e solucionados pelo autor, retratadas bem ao vivo as crianças que, quer no lar, quer na escola, quer ainda no campo de jogos, são atacadas de teimosia. Pela maneira acessível como

está escrito, agradável até, todos os pais e mais educadores deviam ler esta pequenina obra para melnor saberem compreender e conduzir uma criança obstinada.

De parabéns, na sua missão de bem fazer, está mais uma vez a Pia Sociedade de S. Paulo por esta pequena colecção agora trazida a público.

MARQUES CLEMENTE

(1) Edições Paulistas.

«OS QUINZE SÁBADOS DO SS. ROSÁRIO»

«OS QUINZE SÁBADOS DO SS. ROSÁRIO»

Editorial Verdade e Vida

Padres Dominicanos (Fátima)

«Entre as diversas orações públicas que dirigimos frutuosamente à Virgem Mãe de Deus, o Rosário de Maria ocupa um lugar particular e principal. Pio XI na encíclica «Ingravescentibus malis» de 29 de Setembro de 1937 sobre o Rosário. Por isso, é louvável a iniciativa dos Padres Dominicanos de Fátima em reeditarem este pequeno livro para difundirem mais a devoção dos quinze sábados e, consequentemente, aprofundarem a campanha pela recitação do terço.

É um livro para o povo, pois em linguagem simples daz uma doutrinação suficientemente sólida da doutrina sobre o Rosário, insistindo com felicidade no seu valor contemplativo pela meditação dos mistérios. É também óptimo guia de iniciação na reza meditada do terço, em virtude das meditações que insere. Assim contribui igualmente para um aprofundamento da recitação do terço que, na maioria dos casos, as pessoas não sabem envolver na contemplação dos mistérios.

E, não só nas famílias, como em particular, no meio da labuta da vida, nos eléctricos, no caminho para o trabalho dos campos, etc., os nossos cristãos passarão a ter o mínimo indispensável de vida interior. Mas o que, acima de tudo, valoriza este livrinho são os documentos pontifícios de Pio XI e Pio XII sobre o Rosário.

Não obstante alguns «Senões» de ordem estética — referimo-nos a vários desenhos — e educativa e uma ou outra frase que não vem a propósito comentar, é um livro recomendável para o nosso povo.

C. T.

VIVER É SUBIR (1)

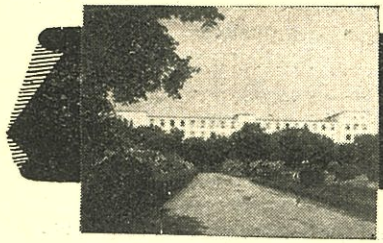
A nova série formativa — «Orientação» — que as Edições Paulistas nos deram recentemente, proporciona-nos, em obras pouco extensas, momentos de leitura interessada. «VIVER É SUBIR», o terceiro número da série, é um pequeno volume de 90 páginas, consagradas a alguns temas de reflexão.

Dirigiu-as o a. ao jovem dos nossos dias — mais exactamente, ao jovem cristão dos seus dezassete ou dezoito anos talvez filiado na A. C. — no sentido de o levar a um mínimo de reflexão diária onde ele possa encontrar-se a si mesmo, onde ele possa encontrar luz e vida. É esta a intenção visada: não só orientar para um aprofundamento da vida moral e espiritual, mas ainda criar entusiasmo pois, o próprio a. o diz, «perde-se na apatia e no amolecimento quem não arranjar na vida uma brasa que o aqueça». O livro, pela condução dos temas e boa observação psicológica, parece ter vindo de alguem que conhece a alma do rapaz e lhe soube dar, principalmente na meia parte do fim, bons temas de reflexão orientada para a vida.

Notamos apenas a falta de tradução em algumas frases latinas, devida talvez ao esquecimento.

A. Cleto

(1) Pelo P. Alfredo de Magalhães, ediç. da Pia Sociedade de São Paulo.



CRÓNICA

Nesta época, quando o Outono amarelece nas folhas e se vai aquecendo ao Sol que ainda perdura, o nosso Seminário parecia desafiar as leis e determinismo da natureza, vivendo em espontaneidade duma vida intensa e abundante. Factos e factos se acumularam; e alguns deles bastariam para várias crónicas, se os observássemos em toda a luz que difundem e calor que alimentam.

FESTAS JUBILARES

Em primeiro lugar a comemoração destes vinte cinco anos, passados a realizar um sonho e a ver cumprida uma promessa, encheram a nossa casa de cerimónias augustas, de pessoas ilustríssimas, de festas solenes, da assistências numerosas.

Esta invasão, contudo, longe de nos arrancar a nós mesmos, de nos dispersar roubando-nos para muitas e absorventes coisas, restituiu-nos, pelo contrário, a nós próprios. Por ela conhecemos a razão da existência deste Seminário; ou, melhor, sentimos como a casa onde vivemos vive de uma história gloriosa e para um fim glorioso.

Quem, para lá destas paredes e destas árvores, não descobre Alguém de espírito gigante e paternalmente bondoso, decerto é porque ainda lhe não mediu o valor e o significado.

No dia 24, Sua Eminência mostrou-se *para cá destas paredes e destas árvores*. A alma de Sua Eminência, que eleva quanto anima, foi presença real a dispensar a memória do coração, sempre dolorosa.

Por isso, também a nossa vida foi mais real e mais alta. Trazendo a Igreja Universal pelo Sacerdócio de que participa, deu-nos a ver, mais perto, a vocação grande do Seminário; e, ao recebermos o sorriso do Pastor, houve maior aconchego na família completamente reunida.

Esse dia teve a majestade de um cume, onde se resumem todas as ânsias de subir que, pela encosta, foram lavrando esforços e sofrimentos. Acima dele, porém, incendiou-se luz mais intensa — a sagração do nosso altar — assinalando-o indelèvelmente.

SAGRAÇÃO DO ALTAR

Não podiamos esquecer o pensamento de que essa pedra era o sinal e a fonte de sacerdócio.

Até aqui a *ara* viera trazida de lugar diverso; estava, de algum modo, aposta ao Seminário. Agora, toda a capela olharia com dedicado respeito para o «monumento», em que achava a sua razão de ser.

Bem visível o túmulo, onde mais tarde seríamos também depostos para ressurgirmos não sòmente como revivificados mas como vivificadores, falaria duma Ressurreição tomada como fruto e como força. E Cristo, nesse altar, convidaria mais insistentemente a redimirmos com o Seu Poder.

*
* *

Às 8 horas e 30 minutos S. Em. o Sr. Cardeal Patriarca descia do automóvel diante das escadarias da entrada principal, onde formaram alas todos os seminaristas. Entrámos imediatamente, e connosco numerosos padres, representantes ali de todo o Patriarcado.

Subindo as escadarias, atravessando o átrio e a galeria, levava até ao altar do Senhor vermelha e solene passadeira. Através dela, Sua Eminência chegou ao trono, de cor idêntica a contrastar do cinzento marmóreo da capela. Erguia-se do lado do Evangelho. O altar apresentava-se despido, na virgindade absoluta da pedra negra, em espectativa... E, no sólio, o Sacerdote despojava-se de igual modo rezando os sete salmos penitenciais, que nós iamos cantando.

Depois, o homem que se dissera pecador revestiu-se do poder, tomando os paramentos, a mitra, o báculo. Começava o grande Acto Litúrgico.

*
* *

Por três horas fomos presenciando como Deus, por intermédio do pontífice, doava aos homens um altar e Se doava a Ele próprio.

Tudo nos era apresentado pela Igreja numa ambiência dramática. Um diálogo se travou entre o céu e a terra; e o sal, a cinza, o incenso, as palavras..., transmitiam prerrogativas ao homem, petições e louvores ao Senhor.

Qualquer literatura era ultrapassada por essa liturgia — não problemática, não condicional, mas exclusiva e perfeitamente *solucionante*. Mesmo quando Sua Eminência se dirigia a Deus — «Summe Deus» — rogando humildemente: «aufer a nobis cunctis iniquitates nostras», mesmo quando a criatura media o insondável abismo até ao Criador, ela encontrava a solução fundamental do Sacerdócio de Jesus Cristo.

Com o pontifical de assistência, celebrado pelo Senhor Vice Reitor, a Igreja dava-nos a resposta definitiva. Antes, porém, do Mistério ser definido e realizado no Santo Sacrifício, éramos colocados dentro do mais profundo e completo humanismo.

*
* *

Ao transpor o limiar de novos anos o Seminário via o humanismo da Igreja — Jesus em doutrina e vida — como o princípio e o fim da sua missão. Outros Cristos,

os sacerdotes, já formados ou a formar, têm de levar aos homens um novo sentido divino para o homem e até um novo sentido humano para o mundo.

Bem ficou nestas comemorações jubilares a Sagração do nosso Altar. Verdadeiramente ela resumiu os ideais pedagógicos por que somos orientados —dar-nos a ciência e a vida da Igreja pela sagrada liturgia.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Pelas 13 horas o Senhor Cardeal Patriarca presidia a um almoço de confraternização. À direita: Srs. Núncio Apostólico, Arcebispo de Cízico, bispo de Beja. À esquerda: Srs. Arcebispo Bispo de Aveiro, Arcebispo de Mitilene e D. António de Campos. Nos topos da mesa sentaram-se: Mons. Reitor de Santarém e o Senhor Vice Reitor dos Olivais. Pelo refeitório distribuiam-se cerca de 300 padres.

Aos brindes, Mons. Francisco Felix levantou-se em representação do clero agradecido. Respondeu Sua Eminência, atribuindo não a si mas à Igreja a origem do Seminário. Tinham-no edificado quantos, silenciosamente, em oração ou esmola, para ele contribuiram: «Está aqui o coração cristão de toda a diocese de Lisboa». Terminou em homenagem sentida e vibrante a Pio XII.

O Senhor Núncio Apostólico apresentou-se a recebê-la como embaixador do Senhor Cardeal Patriarca junto do Santo Padre, que o era nesse momento. E, em nome de Sua Santidade, também agradecia.

DESCERRAMENTO DO BUSTO

A alameda que sublinha a frontaria do Seminário com suas tílias viu descerrado, após o almoço, o busto de «Sua Eminência D. Manuel II... Pai e Amigo do seu clero». o Rev.º P. Álvaro Proença envolvera-o de gratidão e de esperança, profetizando: «dará, o busto, uma afirmação de presença neste parque».

SESSÃO SOLENE

16 horas passadas, e a sessão solene, no ginásio, abria o seu programa: palavras do Sr. Vice Reitor; «O Seminário e o Movimento Litúrgico no Patriarcado» (P. Adelino Narciso): «Modernismo e Espírito Modernista» (Dr. João de Sousa).

Apreciadas como «lições magistrais» por boa imprensa, as duas conferências a seu tempo verão a luz pública. O Sr. Vice Reitor deu-se totalmente em calor comunicativo ao louvar e ao agradecer.

O salão fora ornamentado cuidadosamente e orientava-se para o palco, onde presidia o Senhor Cardeal Patriarca. Ladeando a cadeira de mais elevado espaldar, sentavam-se os Srs. Núncio Apostólico e Subsecretário da Educação Nacional. No extremo esquerdo, apresentava novidade e esperança o sr. D. José Pedro da Silva.

Sua Eminência encerrou a sessão. Breves palavras; grandes, contudo, até exprimirem a solenidade toda daquele dia.

Seguiu-se Te-Deum solene.

DE NOVO, MAIS VINTE E CINCO ANOS

De extraordinário foi também a festa de Cristo Rei, em tempos alarmantes de materialismo e guerra.

«Deus está em crise!» (1) E consequentemente os homens estão em crise. Mais uma razão para os seminários viverem outros 25 anos.

Sua Eminência o Cardeal Tisserant emprestou ao dia 21 de Outubro o brilho da dignidade e do valor.

Além de vermos Sua Eminência celebrando a missa da comunidade, ouvimos no anfiteatro, como a Sagrada Congregação dos Ritos Orientais abordava dificílimos problemas. No fim, saímos com a recordação mais grata dum Cardeal, com alma tão grande e tão bela.

* * *

A conferência do Sr. Dr. Silva Rego (dia 29) recebeu do orador um ambiente familiar. Eram, deste modo, iniciadas as actividades públicas do Círculo Missionário que visam criar no Seminário verdadeiro espírito apostólico.

Ficou-nos, fundamentalmente, o conceito justo de missionário: homem «cuja pátria não é deste mundo», mas educador de homens integrados neste mundo e numa nacionalidade com exigências sociais.

* * *

Mas nem só o extraordinário tem que se lhe diga!

Antes de mais, há a confessar progressiva fecundidade no Reverendo Presidente da Academia e que o Vice Presidente cumpriu as suas promessas...

Nos teólogos, logo a primeira sessão, que foi *especial,* traçou um caminho de colaboração professores-alunos e alunos entre si. Exposeram-se ideias incisivas que imediatamente se realizaram.

Iamos ver três filmes: Debussy (Jean Mitry), Images médievales, Charlot Policia. O Micael — glorioso componente do grupo de cinema — introduziu-nos dentro dos três géneros desta arte, insistindo especialmente na «realidade virginalmente humana» simbolizada pela terceiro. O Miguel Ponces — musicólogo da mais fina sensibilidade — explicou-nos Debussy.

Na primeira aberta, 11 de Nov., surgiu a primeira sessão *ordinária,* primeira e ansiada sessão. O Dr. João Afonso tratou clara, segura e sacerdotalmente dum assunto delicado: «A prostituição ou escravatura branca». O estudo manteve estrutura de problema, interessando quase necessàriamente.

Outra circunstância, todavia, especialmente caracterizou esse domingo. Apresentado pelo João de Almeida e a convite da Academia, o escultor Lagoa Henriques levou-nos, à noite, até ao Egipto, Grécia, França, Alemanha... Perante as imagens, que acompanharam as suas palavras, fomos iniciados, mais um pouco, no mistério da arte.

---

(1) R. Le Senne, La découverte de Dien, p. 12.

Os filósofos (4 de Nov.) mostraram-se muito agradáveis na apresentação da sala e nos intervalos poético-musicais. «Schuman» e a «Política de Israel» foram apreciados por Hermínio Maçãs e Aurélio Marques. Leu-se ainda interessante crónica cultural.

A chave de ouro que fechou estes vinte e cinco anos promete abrir-nos outros vinte e cinco mais... inclusivamente desportistas.

O espírito generoso e amigo do Sr. D. Lourenço e a vontade eficaz, e boa vontade, do Sr. Vice Reitor irrompeu por esse parque. E já o verde aristocrático e o amarelo melancólico do arvoredo se enamorou do branquejar ousado dos novos campos: o de Futebol (aumentado agora), de Handball, 3 de Voley-ball e 4 de Ring.

O desafio entre as selecções do Seminário e dos padres do Patriarcado inaugurou o primeiro. A ousadia do P. Franco, a oportunidade do P. Armindo, a vigilância do P. Lereno, a persistência do P. Jorge, a serenidade do P. Horácio, a ciência do P. Viçoso, a agilidade do P. Brito, a segurança do P. Rabuge, a destreza do P. José Joaquim e a virtuosidade do P. José Maria ensinaram como lição magistral!

O resultado desfavorável, aliás, explica-se pela teoria da *reminiscência*. Os dois prestigiosos golos de Mário Nunes, aquisição aveirense deste ano, mereceram-lhe a glória do melhor marcador.

*
* *

O Rev.º Joaquim de Sousa Lopes e Rev.º António Sousa Bento são diáconos desde o dia 14 de Outubro.

E a crónica vai longa. Está, porém, ainda por traduzir a alegria de termos o sr. P. Manuel Taveira O. F. M. como novo professor de história, e a saudade aqui deixada pelo sr. P. Felicidade, que, saindo para Santa Maria de Belém, permanece no coração de quantos conheceram o mestre e o orientador.

NORONHA GALVÃO

Viuva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho

Armazém de papeis nacionais e estrangeiros e papelão

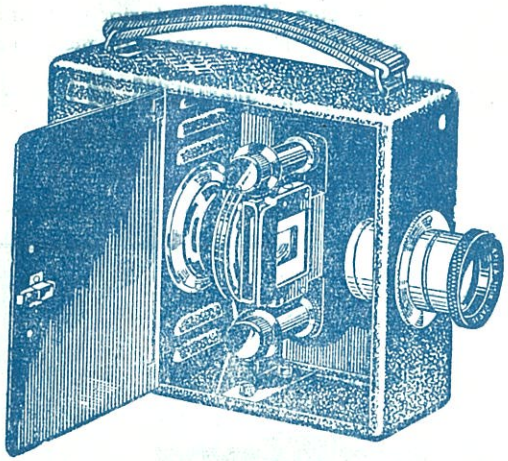
Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: | Escritório: 31721
| Papelaria: 3 1772

R. da Madalena, 10 a 12

LISBOA

Ex.mos Párocos / Catequistas / Educadores



PARA O ENSINO
ADOPTAI

CAMERAFIX

O projector que se impôs pela sua

LUMINOSIDADE
SIMPLICIDADE
ECONOMIA

Funciona directamente em 220, 110 e 6 volts.

Filmes fixos portugueses

RELIGIOSOS	RECREATIVOS
Santa Maria Goretti	O trinco da porta
As obras de misericórdia	Pedrinho, cabeça no ar
Os 3 videntes de Fátima	A historia da Carochinha
Santo António de Lisboa	O lobo e a cabaça
São João de Deus	Cavalo fidalgo e burro invej.
O filho pródigo (parábola)	João pastor e o cão leal
O bom Samaritano (parábola)	A cigarra e a formiga
Os Sacramentos (colorido)	A garça e a raposa
	O leão e o mosquito

ALPHA ET OMEGA

Rua Eugénio dos Santos, 76-2.º LISBOA

SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LIMITADA

ESTOFADORES E DECORADORES
Rua Augusta, 126-130—Telef. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios, os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado

Sedas, damascos e brocados próprios para decorações de igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

É NA **Casa Avé Maria**

Rua da Prata, 75 — LISBOA
Telef. 26.27

que V. Ex.ª encontra, a preços módicos, um bom sortido de todos os

ARTIGOS RELIGIOSOS

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero. Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género · **Fundada em 1832** · Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166 170

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

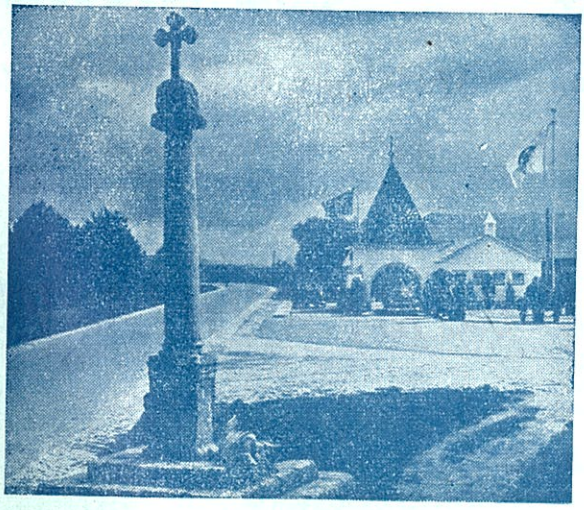
AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia

O melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

MISSAL ROMANO

Em virtude de pedidos insistentes de pessoas amigas, resolveu a Casa Nun'Alvares criar um novo tipo de encadernação em percalina, de maior valor que aquela que temos apresentado.

O preço do Missal com esta encadernação será de 40$00. Manteremos porém o preço de 37$50 com a encadernação habitual.

PEQUENO MISSAL

Do mesmo modo, passa a haver um novo tipo de encadernação em percalina ao preço de 20$00, mantendo-se porém o tipo de encadernação de 18$00.

Mantêm-se os outros tipos de encadernação em pele e em chagrim, aos mesmos preços.

Depositária:

CASA NUN'ALVARES
GOUVEIA — Portugal

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

TELEFONE
54737

ANTÔNIO J. PEDRO

Tipografia e Encadernação



44-A, Rua de Arroios, 44-B LISBOA

Sassetti & G.ª

Instrumentos de música

Têm o maior gosto em pôr à disposição de V. Ex.a os seus serviços através das suas secções de:

MÚSICAS de todas as edições
DISCOS das melhores marcas
PIANOS e ÓRGÃOS novos e em segunda mão
T. S. F. Ponto-Azul, Siemens, Schaub, Siera etc., etc.

54, Rua do Carmo, 58 LISBOA Telef. 21657

Todo o Ano Litúrgico, portanto, pode dizer-se um magnífico hino de louvor, que a família cristã dirige ao Pai dos Céus, por meio de Jesus seu eterno mediador; mas reclama de nós também um zelo diligente e bem ordenado, para conhecermos e louvarmos cada vez mais o nosso Redentor; um esforço intenso e eficaz, um incansável exercício, para imitar os seus mistérios, entrar voluntàriamente no caminho das suas dores e participar, finalmente, na sua glória e eterna bem-aventurança.

S. S. PIO XII

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI «OLIVAIS»